



EPILEPSIA: ENTENDENDO PERCEPÇÕES E PROMOVEDO A INCLUSÃO

Maria Eduarda Junqueira Costa – Colégio Estadual Antônio Batista

Sarah Rayssa Gonçalves Souza – Colégio Estadual Antônio Batista

Laiane Souza Santos – Colégio Estadual Antônio Batista

Solimara Ramos Mendes – Colégio Estadual Antônio Batista

Fernanda de Deus Junqueira – Colégio Estadual Antônio Batista

Resumo

A epilepsia é uma condição neurológica que se manifesta de diversas formas, desde convulsões leves até episódios mais graves e angustiantes, frequentemente acompanhados de sentimentos intensos devido ao desconhecimento sobre a situação. A falta de informação alimenta mitos e crenças equivocadas, dificultando a aceitação social dos pacientes e das pessoas afetadas. Além do impacto direto sobre os pacientes, a epilepsia afeta suas famílias, alterando drasticamente suas vidas emocionais e sociais. Esta pesquisa tem como objetivo identificar as percepções e crenças dos estudantes do Colégio Estadual Antônio Batista em relação à epilepsia. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa consistiu em 13 questões e foi conduzida por meio de um questionário distribuído via WhatsApp. A análise e tabulação dos dados revelaram uma compreensão variada sobre o tema, abrangendo desde noções básicas até mal-entendidos persistentes. A pesquisa evidencia a necessidade de treinamento adicional sobre epilepsia, com o objetivo de reduzir o estigma associado e promover um ambiente escolar mais inclusivo e compreensivo.

Palavras-chave: Epilepsia. Percepções. Inclusão.

INTRODUÇÃO

A epilepsia é uma condição cerebral que pode variar de convulsões leves a graves, afetando significativamente a vida dos pacientes. A falta de conhecimento pode levar a tratamentos injustos e exclusão social (MOREIRA, 2004). A Organização Mundial da Saúde (2022) destaca que a epilepsia afeta cerca de 50 milhões de pessoas globalmente, mas a desinformação, frequentemente baseada em mitos e conceitos errôneos, é generalizada (COSTA, BRANDÃO e SEGUNDO, 2020). Além disso, a falta de conhecimento pode levar a atitudes inadequadas durante uma crise epiléptica, o que pode agravar o quadro.



A epilepsia impacta não só os pacientes, mas também suas famílias, tornando a vida mais desafiadora em aspectos emocionais e sociais. A falta de conhecimento sobre a condição, especialmente no ambiente de trabalho, dificulta a empregabilidade. É essencial disseminar informações precisas para combater mitos e melhorar o bem-estar das pessoas afetadas e suas famílias.

OBJETIVO(S)

Esse estudo visa investigar as percepções e sentimentos dos estudantes do Colégio Estadual Antônio Batista sobre a epilepsia, identificando mitos e equívocos comuns relacionados a essa condição.

METODOLOGIA

Este trabalho consistiu em uma pesquisa exploratória e qualitativa sobre um tema pouco explorado. Foram coletadas informações diretamente da realidade por meio de um questionário para testar hipóteses (Morconi; Lakatos, 2003). Sendo assim, para atingir os objetivos deste trabalho, esta pesquisa foi dividida em etapas descritas abaixo:

I Etapa: Pesquisa Bibliográfica: foi realizada uma revisão teórica sobre aspectos médicos e socioculturais da epilepsia.

II Etapa: Elaboração do questionário: foi desenvolvido um questionário com 13 perguntas, sendo 2 com a opção de justificativa da resposta escolhida, criado no Google Forms. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado aos participantes.

III Etapa: Aplicação do questionário: A coleta de dados foi realizada com estudantes do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Antônio Batista, em Candiba-BA.

IV Etapa: Análise dos questionários e resultados: os dados coletados serão organizados e analisados, com as respostas quantitativas tabuladas e apresentadas em gráficos e tabelas no Google Planilhas. As respostas qualitativas serão examinadas para identificar opiniões e percepções.



RESULTADOS/DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados permitiu uma compreensão abrangente das percepções e conhecimentos sobre a epilepsia. Quando perguntado sobre o conhecimento em epilepsia, 75,2% dos participantes afirmaram já ter ouvido falar sobre a condição. (Figura 1). Estudantes informados podem reduzir estigmas sobre epilepsia e promover um ambiente escolar inclusivo, com os dados mostrando um nível inicial razoável de conscientização entre os participantes.

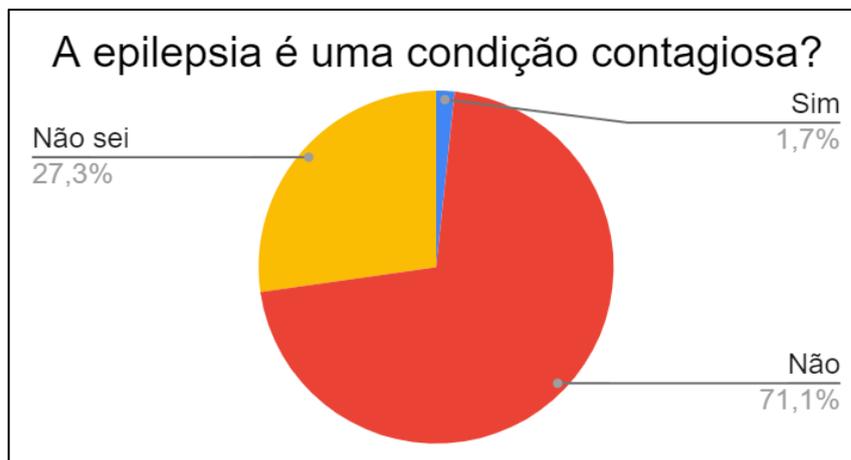
Figura 1. Conhecimento sobre epilepsia.



Fonte: Autoras (2024)

Uma das perguntas-chave foi se os participantes acreditavam que a epilepsia é uma condição contagiosa, a maioria representada por 71,1% identificou que a epilepsia não é contagiosa (Figura 2). Esses resultados mostram que, embora a maioria dos estudantes tenha conhecimento suficiente sobre a epilepsia, ainda há uma necessidade significativa de campanhas educacionais para corrigir mal-entendidos e fornecer informações precisas sobre a condição não contagiosa (BANDSTRA, 2008).

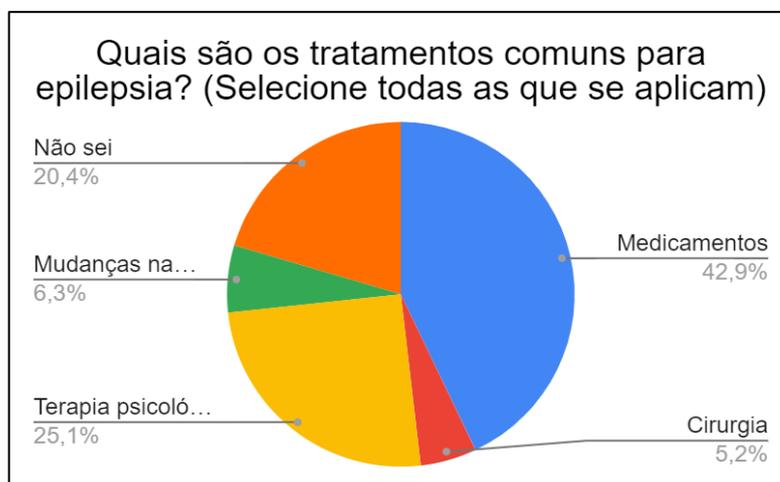
Figura 2. Epilepsia/Contágio: Existe uma Relação?



Fonte: Autoras (2024)

Quando questionados sobre os meios de tratamento para epilepsia, 42,9% mencionaram medicamentos, 25,1% citaram terapia psicológica, 6,3% apontaram mudanças na dieta, 5,2% referiram cirurgia, e 20,4% não sabiam indicar opções (Figura 3). Embora existam diversos métodos disponíveis para o tratamento da epilepsia, os medicamentos anticonvulsivantes são atualmente os mais utilizados e reconhecidos como essenciais para o controle das crises. Além disso, a terapia psicológica desempenha um papel crucial no bem-estar do paciente, pois a saúde mental é um fator vital que influencia a qualidade de vida. (KERR, 2019).

Figura 3. Tratamento para Epilepsia.

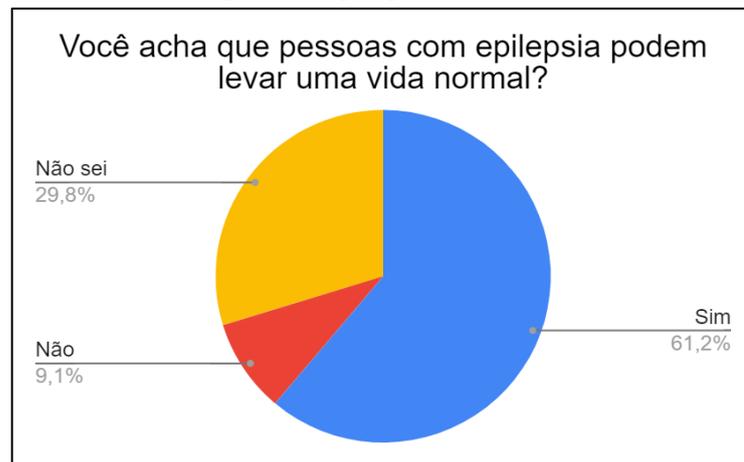


Fonte: Autoras (2024)



Na sétima pergunta, 61,2% dos participantes acreditam que pessoas com epilepsia podem ter uma vida normal e satisfatória (Figura 4). Essa visão positiva reflete uma compreensão esperançosa sobre o tratamento, mas a significativa dúvida restante indica a necessidade de mais educação e informação para desmistificar a epilepsia e promover uma compreensão mais ampla (HOPKER, 2017).

Figura 4. Epilepsia x Vida cotidiana.

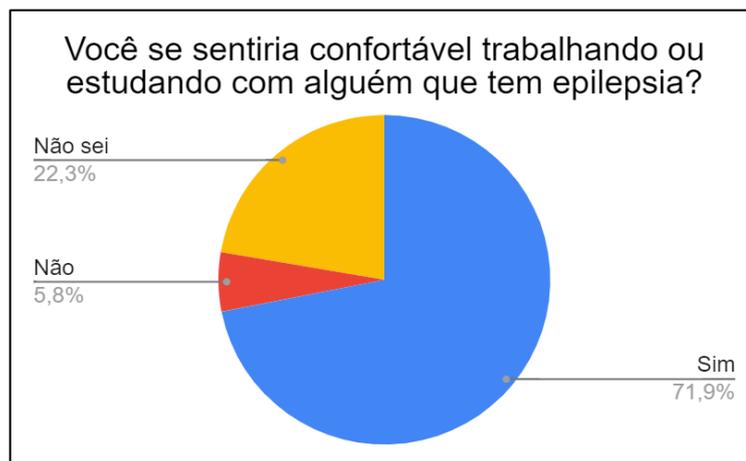


Fonte: Autoras (2024)

Na oitava questão, 71,9% dos participantes afirmaram que se sentiriam confortáveis trabalhando ou estudando com alguém com epilepsia, mostrando que a maioria aceita essa convivência. No entanto, a pequena parcela com dúvidas destaca a necessidade de mais educação sobre a condição para reduzir medos e preconceitos e promover respeito e aceitação para todos, independentemente de suas condições de saúde (SARMENTO, 2000).



Figura 5. Epilepsia e Vida Profissional/Escolar.



Fonte: Autoras (2024)

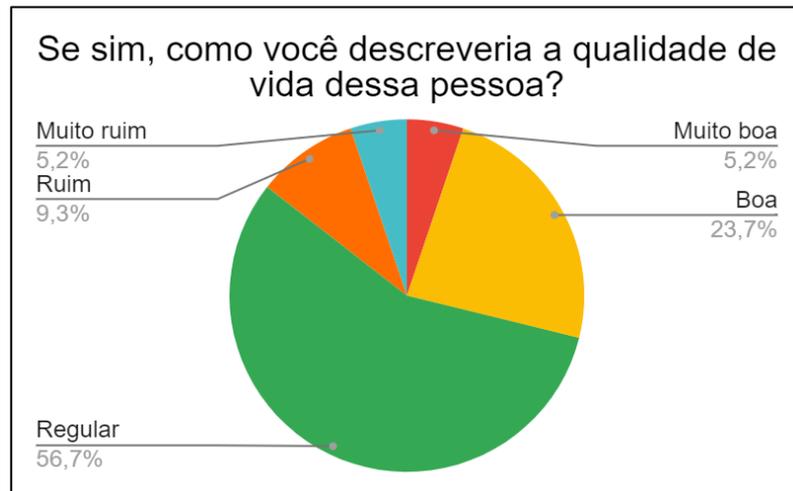
Ao investigar a necessidade de evitar determinadas profissões para pessoas com epilepsia, 56,2% dos participantes opinaram que sim, enquanto 43,8% acreditam que não há necessidade de restrições. Embora persistam crenças limitantes, a maioria reconhece que pessoas com epilepsia podem desempenhar diversas funções. A percepção positiva é fundamental para promover a inclusão e combater estigmas, embora os participantes indiquem que atividades fisicamente exigentes e de risco devem ser evitadas por questões de segurança.

Quando perguntados se conheciam alguém com epilepsia, 56,2% dos estudantes disseram que sim, indicando contato direto ou indireto com a condição. Discutir o tema é essencial para sensibilizar, reduzir estigmas e promover um diálogo informativo que assegure apoio às pessoas com epilepsia (BANDSTRA, 2008).

Os resultados complementares à questão anterior revelaram uma gama de percepções sobre a qualidade de vida dos portadores de epilepsia, como mostra na Figura 6. Esses dados indicam que, embora alguns tenham uma visão positiva, a maioria das pessoas veem a qualidade de vida de portadores de epilepsia como mediana, com uma parcela significativa avaliando-a de forma negativa.



Figura 6. Conhecimento sobre epilepsia x qualidade de vida.



Fonte: Autoras (2024)

A pesquisa investigou também se os estudantes já haviam participado de alguma campanha educativa sobre a epilepsia. Apenas um disse sim (1%). As estatísticas revelam a necessidade de iniciativas educativas mais acessíveis e abrangentes para aumentar a conscientização sobre a epilepsia.

Os dados mostram que 59,5% dos participantes já presenciaram uma convulsão, destacando a frequência do evento e a importância de discutir o tema. A reação unânime dos participantes ao ver uma crise epiléptica foi de choque e incerteza sobre o que fazer, sublinhando a necessidade urgente de sensibilização e educação sobre como gerenciar emergências relacionadas à epilepsia. As campanhas informativas são cruciais para preparar o público a oferecer o apoio necessário nessas situações.

CONCLUSÕES

Os resultados mostram que, apesar de uma compreensão básica da epilepsia entre os jovens, ainda existem lacunas de conhecimento e estigmas que precisam ser abordados. Embora haja avanços na aceitação e na percepção positiva de que pessoas com epilepsia podem levar uma vida normal, persistem dúvidas e inseguranças, especialmente sobre suas capacidades



ocupacionais. A pesquisa enfatiza a necessidade de ampliar campanhas educativas e promover uma cultura de inclusão nas escolas, garantindo um ambiente de reconhecimento e dignidade para todos, independentemente de seu estado de saúde.

REFERÊNCIAS

BANDSTRA, Nancy F.; CAMFIELD, Carol S.; CAMFIELD, Peter R. Estigma da epilepsia. *Canadian Journal of Neurological Sciences*, v. 35, n. 4, p. 436-440, 2008. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/D8441481DF1E2D6D44AF56FAFDD3C45E/S0317167100009082a.pdf/stigma_of_epilepsy.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

COSTA, L. L. DE O.; BRANDÃO, E. C.; SEGUNDO, L. M. DE B. M. Atualização em epilepsia: revisão de literatura. *Revista de Medicina*, v. 99, n. 2, p. 170–181, 2020. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/157412>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

HOPKER, Christiane del Claro et al. A pessoa com epilepsia: percepções acerca da doença e implicações na qualidade de vida. In: *CoDAS*. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2017. p. e20150236. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=epilepsia%2C+qualidade+de+vida+&oq=#d=gs_qabs&t=1724252446028&u=%23p%3DkuRy5IWPui4J>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MOREIRA, S. R. G. Epilepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnóstico e tratamento. *Mental*, v. 2, n. 3, p. 107–122, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200009>. Acesso em: 08 jun. 2024.

Organização Mundial da Saúde. Epilepsia, 2024. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/epilepsy>>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SARMENTO, Maria Rosa Silva; MINAYO-GOMEZ, Carlos. A epilepsia, o epilético e o trabalho: relações conflitantes. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 16, p. 183-193, 2000. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=trabalhar+e+estudar+com+um+epil%C3%A9tico+&btnG=#d=gs_qabs&t=1724252629160&u=%23p%3DIdYmNnt4pZQJ>. Acesso em: 21 ago. 2024.